

LINGUAGEM MÉDICA

DR. RAUL PILLA

CATEDRÁTICO DE FISIOLOGIA

NÃO é vã a preocupação da boa linguagem nos escritos científicos. Representa, antes de tudo, uma exigência cultural. O maior dos especialistas não pode prescindir de certos conhecimentos básicos, sem os quais se reduziria ao de um simples servente de laboratório o seu horizonte mental. E' que tudo se trava, tudo interdepende no espírito, como no corpo do homem. Certos conhecimentos que ao estudante podem afigurar-se inúteis em relação à atividade que pretende desenvolver são, todavia, tão necessários ao trabalho intelectual, como o lastro ao equilíbrio do navio. Ninguém o vê, muitos nem lhe sabem da existência e, entretanto, êle é que dá segurança à navegação.

Assim é que a apreçoada e cada vez mais acentuada decadência do ensino superior só em parte nele mesmo se origina. Há maus professores, ninguém o poderia contestar; há-os por inciência, por negligência, ou por simples incapacidade didática; mas não são tantos que, só por si, expliquem o cada vez mais baixo nível do ensino universitário. E' mais profunda a causa do mal: a decadência do ensino superior provém fundamentalmente da falência do ensino secundário. Nesse escolho vêm quebrar-se os esforços dos melhores professores das nossas faculdades. Recebendo a maior parte dos alunos sem o indispensável lastro, é-lhes quase impossível conduzi-los a bom porto.

Ora, o que mais avulta no descabro da instrução secundária é a quase completa ignorância das humanidades. Deixemos de parte o grego e o latim, um completamente ignorado, outro apenas conhecido: o que verdadeiramente impressiona é o generalizado desconhecimento da língua vernácula, desconhecimento tão completo que raro é o estudante capaz de expor as suas idéias, já não dizemos com certa correção, mas com alguma clareza.

Entretanto, por valiosos títulos se recomenda o estudo da língua. Ê, antes de mais nada, dever de patriotismo. Se o idioma não merece desvelos, que mais se há-de cultivar entre os vários elementos constitutivos de uma nacionalidade? São as palavras os símbolos de que se reveste o pensamento: linguagem descuidada, incorreta e obscura revela, portanto, pensamento impreciso, confuso e desmazelado.

Não só não há contradição entre a ciência e a literatura, senão que entre elas existe um nexu muito estreito. Utiliza a arte constantemente os dados da ciência e, por outro lado, um trabalho científico bem concebido e bem escrito, não deixa de ser obra de arte, pôsto que diferente das obras de ficção. Tanto o cientista, como o literato têm a obrigação de escrever bem e corretamente, embora pretenda um, principalmente, transmitir conhecimentos e queira o outro, de especial modo, despertar impressões estéticas.

Não excluindo o labor científico o apuro da linguagem e, antes, dêle se beneficiando, um verdadeiro centro de educação profissional e elaboração científica, como o que se está erigindo em Pôrto-Alegre, não pode desprezar as simples questões de forma literária, sem decair de seus legítimos foros, e sem faltar a uma das suas funções essenciais. Poder-se-á admitir, por exemplo, em boa razão, que o professor transmita os seus conhecimentos em linguagem incorreta e imprecisa, em linguagem que, ainda quando fôsse clara, não deixaria de ser bárbara? E, por outro lado, que o portador de um diploma científico não esteja mais bem provido de meios de expressão, do que o comum dos mortais? Claro nos parece que não.

São estas considerações que nos levam a iniciar hoje, numa publicação de caráter estritamente científico como os ANAIS da

Faculdade, uma secção, em que apontaremos os principais erros e incorreções de linguagem médica, que se nos forem deparando em nosso meio.

AGRAFE

Agrafes chamam os franceses a uns grampos constituídos por pequenas lâminas de níquel, que servem de suturar a pele. Agrafe no sentido comum e primitivo significa pequeno gancho ou colchete, que se emprega para reunir as bordas opostas de um vestido. Como se vê, natural e legítima foi a extensão do termo a esta pequenina peça criada pela técnica cirúrgica.

Como era de esperar da nossa incúria, ninguém se deu ao trabalho de procurar uma conveniente palavra portuguesa, quando apareceram os *agrafes* de Michel: *agrafes* eram para os franceses e *agrafes* passaram a ser também para nós.

Entretanto, nada mais fácil, do que encontrar o termo vernáculo correspondente. Se os franceses denominaram *agrafes* aquelas peças, por serem elas verdadeiros grampos ou colchetes, grampos ou colchetes deveríamos nós também nomeá-las, preferindo a um estrangeirismo recente, palavras já de há muito incorporadas ao patrimônio da língua.

Foi o que fez o Dr. Erwin Presser, docente-livre da Faculdade, em suas "Lições de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental." Encontra-se ali, com efeito: grampos ou *agrafes* de Michel.

Se não se quisessem os grampos ou colchetes, por parecerem termos muito vulgares, coisa de que não curaram os franceses quando adotaram *agrafe*, teríamos o recurso de uma outra palavra, também originária do francês, mas há muito naturalizada na língua vernácula: *agrapim*. No Dicionário de Moraes, 2.^a edição, 1813, encontra-se: "Agrapim, s. m. (do Francês *agraffe*) Espécie de alamar, apertador." Nada, pois, mais natural do que traduzir por *agrapim* o francês *agrafe*. Foi o que fez acertadamente o Dr. Fernandes Figueira, em seu *Vocabulário Médico Francês-Português*.

Tal difusão tomou, porém, a palavra recentemente importada, que o notável lexi-

cógrafo Cândido de Figueiredo lhe deu guarida no seu Dicionário, tendo, entretanto, o cuidado de a revestir de forma portuguesa: *agrafo*.

De todas as soluções aceitáveis, parece-nos esta a menos boa; lamentável é que o ilustre filólogo português lhe tenha emprestado o prestígio da sua autoridade. O aportuguesamento do termo estranho é expediente aceitável e legítimo, quando não resta outro recurso. Não é esse o caso, como se acaba de ver.

Em suma, para significar o francês *agrafe*, podem utilizar-se os seguintes termos: *agrafo*, *agrapim*, *grampo*, *colchete*. *Agrafe* é galicismo inaceitável. Quanto ao nosso voto, inclina-se por *grampo* e *agrapim*. O primeiro vocábulo tem a vantagem de já possuir em nossa língua o verbo derivado *grampar* (Dicionário de Cândido de Figueiredo), o qual se poderia aplicar fácil e comodamente ao ato de suturar a pele mediante grampos ou *agrapins*.

O ABUSO DE UM SUFIXO

O sufixo latino *anus* passou às línguas românticas e deu em Português as duas formas *ano* e *ão*, uma erudita, mais próxima da origem e a outra popular, mais afastada. Como a significação das palavras, em geral, pode modificar-se também a função dos sufixos, quer restringindo-se, quer ampliando-se. Assim, tem o sufixo *ano*, em Português, aplicações perfeitamente definidas e limitadas. Serve de formar adjetivos, mas não quaisquer adjetivos, senão somente os de certas e determinadas categorias. Abra-se qualquer gramática da língua e ali se verá que o sufixo *ano* gera adjetivos: a) pátrios e gentílicos, como romano, italiano, prussiano, alagoano, alentejano, americano; b) relativos a pessoas, como ciceroniano, wagneriano, shakespeareano, vergiliano, horaciano, herculano; c) designativos de seitas, escolas, como luterano, anglicano, agostiniano. Além dos pertencentes a estas três classes, encontram-se alguns poucos adjetivos em *ano*, que rigorosamente nelas não se podem incluir e nos vieram diretamente do latim, ou se formaram no seio da língua vernácula. Tais são: mundano,

do lat. *mundanus*; *serrano*, do lat. *serranus*; *soberano*, do baixo latim *superanus*; *ufano*, de ufa (italiano *uffa*). Dêstes, os dois primeiros apresentam o sufixo com a sua primitiva significação: *mundanus*, habitante do mundo, cidadão do universo, cosmopolita (Cícero); *serrano*, homem da serra. Assim, estas exceções confirmam a regra que o sufixo *ano* tem em Português aplicações limitadas e perfeitamente definidas. Já o mesmo não sucede com o correspondente sufixo em Francês. Muito mais extenso e variado é o seu emprêgo. Para verificar que não há congruência entre o sufixo *ano* ou *ão* do nosso idioma e sufixo francês *ien*, algumas vezes *ain* (como em *palermitain*) ou *an* (como em *padouan*), basta cotejar a seguinte lista de adjetivos com a tradução correspondente: *aérien*, aéreo; *acridien*, acrídio; *comédien*, cômico; *patricien*, patricio; *plébéien*, plebeu; *mécancien*, mecânico; *ophidien*, ofídio, ofídico; *paludéen*, palustre; *physicien*, físico; *mathématicien*, matemático; *musicien*, músico; *pharmacien*, farmacêutico.

Isto pôsto, compreende-se que somente por influência do francês, onde o sufixo *ien* tem muito mais larga aplicação, tenha invadido a nossa linguagem médica uma infinidade de adjetivos formados com o sufixo *ano* e que não se podem incluir nas categorias já citadas, isto é, não são nomes pátrios ou gentílicos, não se referem a pessoas, nem designam seitas ou escolas. Assim, quem não verá em *clorofiliano*, *faríngiano*, *laringiano*, *amebiano*, *pelviano*, *aritenoidiano*, *microbiano*, *bacteriano* o contágio das formas francesas *baclérien*, *microbien*, *aryténoidien*, *pelvien*, *amibien*, *laryngien*, *pharyngien*, *chlorophyllien*? Trata-se de galicismos, e de galicismos sob todos os aspectos condenáveis. Em primeiro lugar, são dispensáveis, por dispor a nossa língua de outros sufixos para a formação de semelhantes adjetivos; para que iremos buscar ao Francês *clorofiliano*, *faríngiano*, *amebiano*, *pelviano*, etc. se temos ou podemos ter as formas de excelente cunho vernáculo *clorofilico*, *faríngeo*, *amébico*, *pélvico*, etc.? Em segundo lugar, tendo o sufixo *ano* em Português uma função limitada e perfeitamente definida, alargá-la em detrimento de

outros sufixos, seria atentar contra a boa ordem e a clareza do nosso idioma, cujo ideal é atribuir a cada sufixo um papel distinto.

Diga-se, portanto, *amébico*, em vez de *amebiano*; *clorofilico*, *clorofilino*, em vez de *clorofiliano*; *aritenóideo*, em lugar de *aritenoidiano*; *coledócico*, por *coledociano*; *faríngeo*, e não *faríngiano*; *laringeo*, *pélvico*, *púbico*, *tireóideo*, *bactérico* em vez de *coledociano*, *pelviano*, *pubiano*, *tireoidiano*, *bacteriano*.

Como se vê, é suficientemente rica a nossa língua, para que, com algum cuidado, possamos evitar os galicismos que enxameiam na locução médica.

Alguns casos haverá, entretanto, em que pareça difícil a correção, devido à tirania do uso. E' o que se pode alegar quanto a *microbiano*, simples transposição do francês *microbien*, que se traduz corretamente por *microbial* e *micróbico*, formas consignadas no Dicionário de Cândido de Figueiredo e no Vocabulário Médico de Fernandes Figueira. Mas, por mais vulgarizada que esteja a forma viciosa, pertence ainda essa palavra à linguagem científica e, pelo menos no uso dos doutos, poderá e deverá ser corrigida.

A análogas considerações se presta o adjetivo *craniano*, cópia do francês *cranien*, cuja forma vernacula é *crânico* ou *cranial*. No italiano, encontra-se, a par de *craniano*, a forma correta *crânico* (*nervi cranici*, Luciani). No espanhol diz-se: *nervios craneales* (*Fisiologia de Höber*, trad. castelhana de Galiano). Portanto, nervos craniais, aponevrose epicrânica, diremos acertadamente em Português.

Vocabulo muito usado entre nós é o adjetivo *raquidiano*. Demonstrou o ilustre helenista Ramiz Galvão que o substantivo grego *rhachis*, genitivo *rhacheos*, e não *rhachidos*, não poderia dar *raquidiano* e, sim, *raqueano*. Ao fazer a correção, esqueceu-lhe, porém, considerar o sufixo, que também é vicioso, como acabámos de ver. Portanto, nem *raquidiano*, nem *raqueano*, mas *raqueal* é o que deve ser: nervos *raqueais*, punção *raqueal*.

DÉBITO?

O termo francês *débit* possui várias acepções, além da primitiva, que herdou do *debitus* latino, forma do verbo *debere*. Significa não somente aquilo que se deve, dívida, uma das duas colunas das contas comerciais, mas também venda pronta e fácil, venda a varejo (ex.: *débit de tabac*), maneira de falar (ex.: *avoir le débit facile*), finalmente, quantidade de líquido fornecida por um curso de água, por um encanamento, etc., na unidade de tempo (ex.: *le débit des arrières*). O termo correspondente em Português — débito — só possui, ou, melhor, só possui indiscutivelmente a significação primitiva, a mesma do latim *debitum*: dívida, o que se deve e, por extensão, a coluna da escrita comercial onde se regista a dívida. Semelhante coisa acontece com o verbo francês *débiter*, derivado de *débit*, e o correspondente português *debitar*, derivado de *débito*. Enquanto *debitar* significa apenas constituir ou inscrever por devedor, *débiter* é também vender pronta e facilmente, recitar, declamar, dizer (ex.: *débiter un rôle*, *débiter des mensonges*).

Assim sendo, compreende-se que o vocábulo francês *débit* tenha passado facilmente, por intermédio dos seus significados metafóricos, a exprimir também a quantidade de líquido que passa por um encanamento na unidade de tempo. Assim como um comerciante *débite des marchandises*, um mentiroso *débite des mensonges*, um bom conversador tem *le débit facile*; compreende-se que um encanamento possa ter um *débit* maior ou menor, conforme a quantidade de líquido que *despacha*. Já o mesmo não acontece em Português. *Débito*, *debitar* *dever* não se afastaram da significação primitiva, que já se encontra nos correspondentes vocábulos latinos. Para chegar-se ao *dé-*

bito, *vasão*, *descarga* de um curso de água, faltam as formas intermediárias, que o tornariam aceitável. Portanto, nesta acepção, é puro galicismo e só por influência francesa pode ter-se introduzido no vernáculo.

Cândido de Figueiredo atribue ao termo, na última edição do seu dicionário, o significado de "quantidade de água fornecida por uma corrente ou fonte, em uma unidade de tempo" e foi certamente levado pela sua autoridade que o Dr. Leão Borges traduziu *débit* por *débito*, na edição brasileira do Tratado de Fisiologia de Gley. E' preciso não esquecer, porém, o critério com que o grande dicionarista edificou a sua obra. "Bem sei — diz êle na *Conversação Preliminar* — que os menos experientes em trabalhos desta natureza hão de acoimar-me de nimiammente tolerante, com respeito a locuções injustificáveis. Mas ao dicionarista não impende o tolerar o uso ou abuso de tal ou tal locução: o dicionarista tem, como dever capital, o reproduzir fatos e interpretá-los. Se entende que um vocábulo está corrompido ou que é mal formado, se o julga neologismo inútil ou disparatado, consigna o que entende, mas regista o vocábulo."

Parece-nos, pois, que não se deve dar muita importância à inclusão da referida acepção do termo no Dicionário de Figueiredo. Denotará apenas a sua difusão. Quanto a ser galicismo, e galicismo escusado, este emprêgo do vocábulo, não temos a menor sombra de dúvida. Possuímos no mínimo duas palavras capazes de o substituir: *vasão*, *descarga*. Entre nós empregaram êste último termo os professores Fábio de Barros, na tradução do *Compêndio de Fisiologia* de Hédon, e Ney Cabral, na sua *Física Médica*. Assim, denominaremos *lei da vasão* ou *da descarga* a lei geral de hemodinâmica que os franceses chamam *loi du débit*.